



CANTO DA SEREIA

Entrou pela primeira vez, talvez não fosse a última, talvez.

Ali dentro não tinha nome, não tinha cometido nenhum crime, era um número.

Não tinha que explicar nada, nem contar histórias.

Era simplesmente um número.

Não achou nenhuma cela com conhecidos, e o guarda começava a forçar uma escolha.

Olhou o velho pacato no xadrez e mais dois no canto jogando baralho.

Ouviu o impacto da água sobre outra água, balde no vaso.

Tinha outro no banheiro.

Era ali mesmo, o guarda estava impaciente.

— Entra logo, ladrão.



Cumprimentou com os olhos, nada mais.

O velho continuava encostado na parede, olhos para um copo com água em um pequeno banco de madeira.

Chegou no velho e disse que era temporária sua estada naquele barraco, que amanhã procuraria com mais calma algum barraco onde tivesse um amigo.

O velho abaixou a cabeça e levantou em sinal de compreensão.

Os outros companheiros o chamaram para entrar no jogo, preferiu não, era cedo demais para algum contato.

Chegou a hora da janta, o bandéco foi entregue a cada preso, o velho nem olhou, somente esticou o braço e pegou, abriu e começou a comer lentamente. Foi a primeira vez que tirou os olhos do copo d'água.

Ficou contente com a refeição, mesmo com o arroz cru e quebrado.

A fome era a fome. O caos era o caos.

Antes mesmo de anoitecer pegou no sono, se encolheu num canto da cela e deixou as pálpebras descerem.

O sol estava batendo em seu rosto, abriu os olhos e contemplou o amanhecer, o velho estava bem à sua frente, olhando para o copo.

Dali a 4 horas iria para outro barraco. Só sair para o banho de sol e faria os contatos necessários para localizar os parceiros.